

# O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

I. ANNO.

1.º de Maio de 1863.

XVI.

## SUMMARIO.

	Pags.		Pags.
Agulha em palheiro, por CAMILLO CASTELLÓ BRANCO .	501	A Poesia Popular, por AUGUSTO SOROMENHO.	515
Visita Imperial, pelo Dr. LUIZ DELBINO .	514	Viagens, por A. E. ZALUAR.	521
		Dinheiro, por F. X. DE NOVAES. .	527
		Chronica, por MACHADO DE ASSIS .	531

RIO DE JANEIRO.

Typ. do CORREIO MERCANTIL, rua da Quitanda n. 55.



## Agulha em palheiro.

(Continuação.)

### IV.

Transferiu-se Fernando Gomes á Grecia. Estancou com o seu Homero e Byron d'um a outro padrão das fabulosas façanhas, historiadadas em Thucidedes e Plutarcho. Viu a Grecia degenerada, escrava, e de todo perdida para a ressurteição da sua dignidade. Não teve um suspiro que lhe desse em hemistichio de ode, ou decima de hymno, como toda a gente faz quando carpe um povo cancellado do mapa das nações livres. » Nações livres! — dizia entre si Fernando Gomes. — Eu sei cá o que são nações livres! nem homens livres!.. Liberdade de morrer de fome, em toda a parte, a ha, graças a Deus e ao progresso! Poemas ao trabalho e ao artista, em toda a parte se escrevem, graças á metrificacão e aos especuladores ociosos, que deiificam o suor e as mãos calosas, sentando-se em espaldares flacidos, e vedando o accessó de seus gabinetes aos operários suados, calejados, e sujós! Em toda a parte se mente em nome da liberdade, e se chora em nome da servidão! Oh meus pobres gregos, deixai-vos viver e morrer em vossa lethargia, que se sacudirdes o torpor de sobre o peito, virão depois uns próceres e éphoros, como os antigos, que vos hão de por um pé no peito desentorpecido, para subirem a ponto donde vos atirem para baixo com muita injuria e muito desprezo da vossa ignobil raça de servos redemidos por elles! »

Assim devia fallar consigo e com os grégos o nosso viajante.

Mezes depois, temos Fernando em Paris, onde o senhorea profundo fastio. Mui especial devia ser a compleição do moço de vinte e seis annos, que se anojava em Paris!

Passou á Alemanha, marinhou os pincaros da Suissa, e desceu outra vez á Italia, fatigado d'alma e corpo, triste como um desterrado, saudoso de seu Cartaxo, saudoso de pais e irmãs; porém, sem forças com que aproar no rumo da patria.

Estava em Florença: restavam-lhe dois mezes dos dois annos concedidos. Releu Virgilio e Dante, Petrarcha e Tasso, os seus amigos de Italia, os seus guias e commensaes, as pallidas sombras que o seguíam até ás regioens convisinhas do sepulcro, ás tenebrosidades mysteriosas do sonho.

— E heide eu accreditar, ( diz a leitora que sabe o que vale ) heide eu accreditar que Fernando não encontrasse nos mais formosos pontos do globo, as mais formosas creações do Universo? Não viu elle uma ou cem mulheres... ( cem *senhoras*, emendarei eu, se V. Ex. permite ) ou cem senhoras que o tirassem pelos cabellos, dessa escuridade de alma em que o esquisito môço se engolphava com os pataretas dos Virgílios e Dantes, e outros que taes pesadelos d'um espirito que anheia difundir-se e embeber-se nas dilicias da poesia, trez vezes sancta, do bello ideal!?

Respondo: tem V. Ex. rasão de estar assim pasmada do homem: eu tambem, com quanto já saiba a preccito o que é pão bólorento por dentro e cordas de viola por fóra, começava a espantar-me, justamente no ponto em que V. Ex. fez favor de interromper-me.

Não ha duvida nenhuma: a cousa é muito para assombros. Bravia é a arvore que aos vinte e seis annos não florece nem fructifica! Anasada alma deve ser essa que se dispende toda em extasis de livros velhos, e paredes velhas, e historias revelhas, que nem recontadas por Michelet ou Castilho se podem aturar. Com um homem assim, o romance era impossivel. Quem houvesse de descrevêl-o, iria na piugada d'elle por esse mundo fóra, onde ha perystilos derrocados, e confundil-o-ia com algum trosso de columna corynthia ou jonica. Fernando seria empolgado pela caterva impedrenida dos antiquarios, que dariam com elle neste Museu de Lisboa, onde não ha nada que o valha, a não ser o titulo do edificio, que é museu de si mesmo.

Estava eu, pois, a despenhar-me com o meu estylo espalmado na voragem dos escrevedores malditos da paciencia humana, quando, nestes apontamentos que me dirigem, encontro o capitulo intitulado:

## PRIMEIRA E ULTIMA PAIXÃO

DE

FERNANDO GOMES.

Primeira e ultima! exclamei. Não gosto disto! Com uma só paixão heide eu encher duzentas paginas! Uma só paixão, nestes nossos dias, em que vinte e quatro horas bastam para o prologo e o epilogo da tragedia, se é tragicã a paixão!

Comecei a ler desanimado; cobreí esperanças no segundo capitulo; ao terceiro, obrigar-me-hia, sendo preciso, por escriptura a escrever dous volumes; ao quarto, fechei o manuscrito, e coordenei os apontamentos pelo teor seguinte;

Demorava em Florença uma familia portugueza, expatriada por affecta á realza absoluta. Compunha-se esta familia de pai e duas filhas. O emigrado era um ex-desembargador do paço, ministro da

Alçada, que assignára o accordão de pena ultima comminada aos academicos de Coimbra que, em 18 de março de 1828, mataram, no Cartaxinho, os lentes Matheus de Souza Coutinho, Jeronymo Joaquim de Figueiredo, e feriram outros que, no dizer do accordão *iam beijar a mão ao Serenissimo Senhor Infante Regente pela Sua feliz chegada a estes Reinos.* (\*)

Bartholo de Briteiros se chamava o realista. Uma das meninas era Eugenia, e a outra Paulina. Emquanto á linhagem, estude, quem quizer, a origem dos Briteiros, que hade encontral-a desde logo que as aguas do diluvio universal se recolheram ao centro do globo, e consentiram que os casaes contidos na arca procreassem os Briteiros e outras familias do mesmo tamanho genealogico. No que toca a riqueza, dizia-se que Bartholo possuia em cada provincia de Portugal, duas, trez, e mais quintas: o que eu não averigui por me parecer desnecessario.

O emigrado vivia regaladamente na praça do Dome, o mais vistoso local de Florença, servido de muitos criados, em palacio exornado de primorosas alfaias e baixela. O *vassallo* de D. Miguel de Bragança pompeava faustos de rei, em quanto seu *Senhor*, o tão chorado principe dos seus amigos, mendigava em Roma. Este contraste offerece um lado de muita philosophia, que eu me dispenso de explanar por ter muito amor a quem me lê, e me não lerá, se eu me entro a irredar em camisa de onze varas... (cá em Portugal já se não diz varas: é metros; camiza de quinze metros e vinte e cinco centimos, corresponde a isso; por causa da metromania não se hade perder o anexam que é expressivo).

Escreve Meri a respeito de Florença: « Não me espanta que proscriptos e exilados, violentamente arrancados aos costumes de suas patrias, se lancem nos braços daquella Florença, que é mais commum dos que

---

(\*) O leitor curioso levará a bem que se lhe nomeiem os academicos enforcados e decepados em Lisboa no mesmo anno de 1828:

Bento Adjuto Soares Couceiro, natural de Tentugal; com 24 annos de idade.

Delphino Antonio de Miranda e Mattos, natural de Barcellos; 22 annos de idade.

Domingos Joaquim dos Reis, natural de Cintra; 20 annos.

Urbano de Figueiredo, natural de Donas; 22 annos.

Francisco do Amor Ferreira Rocha, de Faro; 24 annos.

Antonio Correia Alegre, natural do Porto; 19 annos.

Domingos Barata Delgado, do Pesinho; 22 annos.

Carlos Lidoro de Souza Pinto Bandeira, natural de Mancellos, arcebispo de Braga; 22 annos.

Manoel Innocencio d'Araujo Mansilha, de Villa Real; 23 annos.

Os signatarios do accordão são:

Garcia Nogueira, Casal Ribeiro, Sovoral, Almeida e Vasconcellos, Silva Belfort, e outro que as conveniencias do romance mandam chismar.

O leitor, levado de sua curiosidade em desliudar o verdadeiro nome do expatriado em Napoles, póde satisfazel-a, havendo á mão a sentença proferida, que corre impressa em Lisboa, *Typographia patriotica*, 1828.

padeçem, e para todos se desentranha em palavras consoladoras.... » E n'outro relanço das suas *Noites de Italia*; « Entende-se facilmente que homens e mulheres de alto porte, condemnados a exilarem pelo infortunio desta época tão atormentada, confluam a Florença de todos os pontos da Europa. O exilio aqui é menos penoso: não será paradoxo termos em conta de exilados todos os que vivem longe d'aquella cidade. »

Bartholo de Briteiros, guiado pelo instincto, e não pelos viajantes, — que o magistrado não lia viajantes — deu comsigo na formosa Toscana.

Estanciavam por lá, em 1834, polacos proscriptos, e muitos refugiados nobres da França, cujos esforços se malograram na Vandéa. O palacio Orlandini, onde residia o principe de Monfort, irmão mais novo do Imperador Napoleão, era o receptaculo de todos os proscriptos illustres em nascimentos, artes e sciencias.

Bartholo de Briteiros tinha a illustração triplicada da fortuna. Era notorio que elle mobilara faustosamente um palacio campestre em *Poggi-Bonzi*, e d'ali sahia de passeio, em graciosa berlinda, com suas filhas a *Val d'Arno*, á *Poggia imperiale* e a quantos pontos convergia a nobreza toscana.

Isto lhe dera renome e accesso aos palacios Orlandini, Ricchardi, e Strozzi.

A formosura das filhas contribuia não pouco para a consideração que o pai gosava. Eram duas gemmas inestimaveis que sobrelusiam a hypothetica riqueza de fidalgo portuguez. A mais nova era Paulina; quem perguntava porém qual das duas fosse a mais velha? Cada uma estava naquelle desabotoar de florescencia, e irradiação de graças, que seriam delicias da vida humana, se cada mulher bella assim, ao tocar os dezesete annos, ali ficasse, inamovivel, indestructivel, perpetua imagem do anjo, dominadora do tempo, e assim de gala, para entrar completa com todo o viço de sua formosura, e esplendor de encantos, em corpo e alma, na gloria do seu creador.

A mãe destas duas meninas morrera aos vinte annos, quando, em Lisboa, reinava, como primeira em belleza. Os dois seraphins, que deixára no berço, conforme iam crescendo, recebiam do céu as gallas soberanas que sua mãe levára. Aos quatorze de uma, e quinze annos d'outra, dizia-se que a mãe não fôra mais linda que ellas.

O desembargador desvelara-se medianamente na educação litteraria das filhas. Era elle homem de poucas letras, e muito dado aos oculos de uma certa ignorancia, que é o supremo bem deste mundo pelas muitas e boas horas de lerda pachorra em que a alma se embala no regaço d'ella. Briteiros sabia de jurisprudencia o necessario para convencer-se do pouquissimo que necessitava saber: um magistrado palaciano, bem-quisto para as alçadas, e braço de ferro inflexivel para hastear patibulos. Chamado sempre para mordomar nestes festins de cannibaes, o amigo do throno e do altar via em si um homem dos antigos tempos,

e gloriava-se. A juizo delle, os homens dos tempos antigos eram os romanos, que condemnavam á morte os filhos, se o bom regimen da patria o requeria.

Não cuidem, porém, que o austero Bartholo de Briteiros frouxamente acariciava as filhas, ou as affastava de si como cousas incompatíveis da gravidade do seu funcionalismo e meditações. O contrario de todo em todo. Brincava com ellas ; gom uma em cada braço, em quanto meninas até aos nove annos, andava de sala em sala, e assim recebia as mais circumspectas visitas. A orçarem por senhoras, nem assim as desquitava da obrigação de brincarem com elle : escondia-se nas dobras dos reposteiros, e queria que o andassem procurando. Muitas vezes, sahia destes brinquedos para assignar ou lavar o accordão d'uma sentença de forcea, muito firme de pulso e convicto de sua fidelidade aos principios, á moralisação dos povos, á ordem publica, e á justiça, filha primogenita de Jesus Christo.

Naquelle dia em que o exercito libertador assomou em Almada, e o Telles Jordão foi espingardeado, Bartholo de Briteiros, ainda duvidoso do desesperado desenlace da causa que elle julgava vencida por parte de seu rei, enfardelou á pressa o mais valioso de sua casa, ensacou o muito cabedal em moeda que tinha herdado de avós, prescreveu ordens ao seu mordomo, e caseiros das provincias, e embarcou em navio inglez, ancorado no Tejo, com as duas meninas pallidas de susto.

Horas depois, sahia barra fóra, quando já em Lisboa repicavam os sinos, á fuga do duque do Cadaval, e ao aproximar-se o duque da Terceira. A esse tempo, estalavam apedrejadas todas as vidraças do palacio de Bartholo de Briteiros, ás Amoreiras e a populaça, a brava e briosa gentalha, apossava-se por direito de conquista, da mobilia do desembargador, e repartia, a sócos fraternaes, o espolio do miguelista.

## V.

Estava Fernando Gomez em Florença, conforme o seu costume em toda a parte, sequestrado de toda a convivencia, visitando antiguidades, lendo outras, e como que mumificando-se a si proprio entre tantas velharias.

Alguem disse a Fernando que o hospedeiro principe de Monfort mostrava aos seus visitantes a espada que Napoleão floreava na batalha de Marengo. Posto que o nosso portuguez presasse muito mais contemplar a lança de Leonidas ou o punhal de Bruto, não quiz perder o lanço de ver o sabre oriental do maior capitão do mundo, « depois de Alexandre e Cesar, » dizia elle.

O principe recebeu-o no seu gabinete, onde estava escrevendo suas *Memorias*: mostrou-lhe a espada, facultou-lhe o exame dos trophes d'armas, recolhidas n'um armario envidraçado ; e bem assim as

chaves de ouro da cidade de Breslaw, quaes o imperador lh'as dera, congratulando-o pela conquista d'aquella cidade.

Fernando, incitado a fallar pelo tom familiar do erudito principe, deu de seu saber muito boa conta, sobre pontos de historia antiga, romana e grega, monumentos, batalhas, sciencias, e tudo quanto mereceria ser archivado em volumes grossos de soporíferas academias. O ex-rei de Westphalia deleitou-se em ouvir-o, não sabendo ainda se era expatriado da Vendéa, o cavalheiro que tão correctamente fallava a lingua franceza.

Fallou de si Fernando em breves termos, dizendo-se portuguez, soldado da liberdade, o infimo dos seus fautores em Portugal. Accrescentou logo que deixára a liberdade do seu paiz, e sahira a procural-a n'outros pontos do mundo, afim de comparal-a com a que deixára na sua terra, rachitica, derrengada e aleijadinha.

Gostou o principe da grave sombra com que o douto moço mofava da liberdade dos portuguezes, (gente malquista sempre dos Bonapartes,) e prolongou a palestra até horas de jantar. Fernando despediu-se já fatigado da convivencia: o filho do artista dava pouco pela gloria de conversar fito a fito com um ex-monarcha, irmão do heroe de Austerlitz, das Pyramides e de Friedland.

Dias decorridos, Fernando foi convidado, em nome do principe de Monfort, a passar a noite no palacio Orlandini. Cogitou o moço no mais urbano modo de esquivar-se ás pesadas honras de tão luzida sociedade. A educação acanhára-o; e os dissabores, suggeridos por causa de seu nascimento, eram-lhe um constante espinho a impellirem-no para longe de ajuntamentos. Assustava-o, de mais, o receio de encontrar portuguezes nos salões do principe, e ter de responder-lhes ás naturaes perguntas entre conterraneos, que se encontram em paiz estrangeiro. Precisamente queriam saber seu nome, o nome de seu pai, as suas relações na patria, as mil cousas que se presumem sabidas de homens que viajam e se relacionam com principes. Todos estes barrancos lhe empeciam o caminho do palacio Orlandini, e nenhum expediente lhe inspiraram com que delicadamente recuzasse o convite. Sacrificou-se ao dever de quem tinha sido tão affavelmente tratado por personagem assim venerada nos prestigios da magestade, a magestade dos heroismos, mais imponente que a do sceptro hereditario.

Antes de sua entrada no palacio, chegara Bartholo de Briteiros com as bellas meninas. Emquanto as duas portuguezas levadas pelas damas se gosavam da frescura da noite nos jardins, que muitas vezes serviam de salões, Jeronymo Bonaparte conversou com Briteiros largamente, ácerca do moço portuguez que muito o encantára com sua vasta erudição, e perguntou ao hospede se conhecia *Fernando Gomes*. O fidalgo franziu a testa e disse:

— Não sei dizer a vossa alteza quem seja Fernando Gomes. Os *Gomes* em Portugal não sei quem sejam. Antigamente houveram-nos,

de bom toque ; mas de D. João I para cá não acho menção delles nas chronicas. E' apellido obscurecido ou se perdeu.

— Póde ser que o seu patricio achasse o *Gomes* perdido !... — disse o principe com ar de riso. — O que eu sei é que o portuguez Fernando Gomes sabe muito, e entretêm com assumptos, aborrecidos quando a gente os lê nos livros, ou nos munumentos. Gostei muito delle, e estimarei que a minha estima agrade ao seu patricio.

Pouco depois, foi annunciado Fernando Gomes, e logo conduzido á salla em que já estavam as damas da primeira jerarchia toscana, e entre tantas e tão peregrinas, as nossas angelicaes portuguezas, honrando mais a terra de Camões, que quantos diplomatas nos andam lá por fóra engrandecendo.

Bartholo de Briteiros fitou os olhos no patricio, e lá, entre si disse : « não conheço : isto é homem ordinario ».

— Tem aqui um patricio — disse o principe a Fernando — E' emigrado, e pai das duas meninas, que o Sr. além vê, que parecem madonas. Ditasas revoluçoens as que obrigam a sahir do seu ninho as formosuras, que Deus faz para que todo o mundo as veja ! O Sr. de Briteiros é um pai ditoso, que se revê nos seus dous cherubins, dignos de Florença mais que de Lisboa. Os modelos, que Raphael e Ticiano advinharam, justo é que vivam em Italia, que é o ceu das artes e das maravilhas. Não conhecia o Sr. de Briteiros ?

— Não, Sr. — respondeu Fernando.

— Donde é o cavalheiro ? — perguntou Bartholo.

— Sou de Lisboa.

— Talvez que, se me disser o nome de seu pai, eu possa conhecer sua familia.

— V. Ex. não conhece de certo o nome de meu pai. Sou filho de um homem do povo.

— Donde sahem os reis do genio — ajuntou Jeronymo Bonaparte.

Bartholo fez um gesto insignificativo com a cabeça, e disse, passados minutos :

— Veio de Portugal ha muito tempo ?

— Ha vinte e trez mezes.

— Como estão as cousas por lá ? Quem governa a canalha ?

— Governa-se ella, presumo eu, — disse Fernando.

O principe sorriu, e murmurou :

— A resposta é um livro completo. A canalha governa-se a si em Portugal...

— Em Roma no reinado dos Cezares, e no baixo Imperio, e em toda a parte onde as nacionalidades se dissolvem — accrescentou Fernando.

— Diz muito bem !. — accudio Briteiros — Portugal está em dissolução. O Sr. é necessariamente realista !

— Não, senhor. Fui soldado nas linhas do Porto. Pugnei a

favor da liberdade, synonymo de humanidade. Servi-me a mim, servindo as classes abatidas pelo privilegio. Se me enganei, a culpa não foi minha.

— Mas enganou-se... atalhou Bartholo com má cara — A canalha é que reina.

— Mas com gravata, luva branca, espada, chapéu de plumas, e arminhos — ajuntou Fernando Gomes.

— E isso é bom? — redarguiu o fidalgo.

— E' bom como lição, como experiencia...

— E depois? quando se quizerem emendar, era uma vez Portugal...

— Seremos hespanhoes, inglezes, ou turcos, mas com juizo — disse Fernando.

— Ahi está o patriotismo dos malhados! — exclamou Briteiros.

— Basta de politica — interveio o principe de Monfort, a quem destoára a violencia da ultima phrase do ex-ministro da Alçada.

Fernando ficou pensativo a um canto do salão, meditando no apellido *Briteiros*. Sabia de cor os nomes dos signatarios do accordão que enforcou os academicos. Não lhe era extranho o feio aspectó d'aquelle homem. Devia ser elle: ouvira em Lisboa dizer que o mais façanhudo dos algozes vivia em Florença, com grande luxo, e segura posse de seus bens na patria. Odiou-o; não pôde mais fital-o em rosto. Pensava em sahir da sala, quando Jeronymo Bonaparte lhe disse:

— Venha ver as suas lindas patricias, que desejam conhecer o portuguez.... Mas tome tento em não argumentar com o pai. O Sr. de Briteiros é contumaz inimigo do povo e da liberdade. Cá entre os meus hospedes francezes é conhecido por *Luis XI*. O homem é um apologista das gaiolas de ferro para uso das avesinhas que cantam a liberdade. Detesta Lamartine que escreveu contra a pena de morte, e defende que a arvore da liberdade deve ser cortada, torada, serrada e afeioada á maneira de forcas. Tem de bom que salga as suas theses com muita inepcia: gente emigrada não pôde desprezar estes perrexis do riso, por isso o Sr. de Briteiros é muito procurado. Agora vamos ver que duas flôres sahiram d'aquelle bravo matagal.

Aproximou-se o principe de Eugenia e Paulina.

Aqui está o seu patricio, minhas senhoras, disse elle, indicando a Fernando uma cadeira — conversem; espaiçem saudades da sua terra.

Retirou-se o apresentante, deixando o filho de Francisco Lourenço penosamente enleiado.

— Está ha muito em Florença? — perguntou Eugenia.

— Ha dous mezes, minha senhora.

— Lisboa é mais linda, não é?

— Lisboa é a patria; mas Florença é a perola do mundo — disse

Fernando. — Não vi na Grecia vestigiós de lá ter havido uma Florença; e, com tudo, a Grecia era a colmeia dos mais doces favos do mundo antigo. Aqui me parece que vejo ressurgidas as delicias da Roma imperial, os jardins de Lucullo, os marmores jorrando espadanas de crystal, as thermas de Antonino, os...

Reteve-se Fernando. Reparou que o estavam escutando duas meninas, que, no ar do semblante, pareciam escutar idioma desconhecido. Que sabiam ellas de Lucullo e Antonino, as flórinhas dos anjos, que da vida e mundo apenas conheciam o espaço perfumado de seus virginaes aromas! A ellas que se lhe dava da Florença, onde viviam tristes, com saudades do seu jardim de Lisboa, onde tinham cada uma seu canteiro, e em cada canteiro as plantas do seu amor? Seis annos havia que tinham deixado a patria, e ainda se diziam uma á outra: « Ainda veremos as nossas casinhas de murtha? Já arrancariam as trepadeiras que se entrançavam em redor das janellas do nosso quarto?» O que ellas queriam era ouvir fallar de Portugal, de Lisboa, do seu palacio, e talvez das suas flóres. Conheceria Fernando as flóres que ellas tinham?

— Tem muitas saudades de Portugal? disse Fernando.

— Sempre... — respondeu Paulina.

— E quem priva seu pai de voltar á patria?

— Elle não quer! — disse Eugenia — Tanto lhe temos pedido!...

Responde-nos sempre que só volta a Portugal com o Sr. D. Miguel... Quando irá o Sr. D. Miguel, sabe?

— Não sei, minhas senhoras... Parece-me que o Sr. D. Miguel não pensa em lá voltar...

— Não?! — atalhou Paulina — E o papá a dizer que sim!... Então nunca lá tornaremos!...

— Tornam, tornam. A final, o pai de V. Exs. vai, sem a companhia do Sr. D. Miguel, e supponho mesmo que elle póde viver tranquillo sem a protecção do principe. As pessoas, que serviram o partido do Sr. D. Miguel, têm toda a segurança em Portugal; disto deve estar sobejamente informado o pai de V. Exs.

Diga-lh'o, sim? — tornou Eugenia.

— Não me atrevo a aconselhar-o; porém, se o Sr. Bartholo de Briteiros quisesse ouvir o meu parecer, dir-lhe-ia que o partido liberal só persegue os seus proprios amigos.

As meninas não entenderam a doble intenção destas ultimas palavras. Fernando, em virtude do nenhum uso que tinha de tracto com senhoras, compunha sempre as suas frases em estylo sentencioso, como se as estivesse palestreando com philosophos ou politicos.

A mim, com tudo, o que mais me espanta é a facilidade com que Fernando Gomes disia aquellas cousas, mais ou menos convinhaveis ás pessoas com quem fallava! Não o insandeceram duas mulheres que eram linhas a capricho de Deus! Poder estar assim um mortal, ra-

zoando em termos communs, deante de espiritos, para quem se fez a linguagem mellica do madrigal, a poesia, como ella é no oriente, e como os hebreus a saberiam ler no cantico dos canticos! Pois não tinha elle olhos, á mingua de coração! Acaso, o temperamento lymphatico pode tanto que as imagens objectivas se não espelhem na retina, e o coração não tome conta dos phyltros que os olhos lhe cõam, como arames abrazeados de electricidade!?

Eu sei cá!..

Fernando, passado um quarto d' hora, sahiu do lado das filhas de Bartholo de Briteiros, e desceu ao gabinete do principe, onde sua alteza estava fumando e tractando assumptos litterarios com artistas, poetas, e eruditos de differentes paizes.

O principe chamou-o á sua beira, e segredou-lhe:

— Pois fugiu-lhes? Não o entretiveram as patricias? Já sei o que foi: as pequenas não sabiam nada de Roma e Grecia... Mas lindas deveras, não? Qual lhe parece mais moldada pelos velhos typos da sua predilecta Grecia? — disse Jeronimo Bonaparte com jovialissimo rosto.

— São formosas como portuguezas — respondeu Fernando Gomes; — mas em Londres seriam mediocremente graciosas. Os typos gregos eram menos correctos; todavia, a forma antiga, como a estatuaria a perpetuou, exprime os estupendos lauces das tragedias que se não adivinham nas phisionomias aperfeiçoadas pela lima da, gerações. As cabeças de marmore parece que ainda fremem cheias de vulcões. O busto das Aspazias, Corinnas, Faustinas e Cleopatras dardejam fogo d'aquelles pedaços de Carrara e Paros. A mulher viril da esplendida antiguidade, conforme a civilisação a veio enthronando, atravez dos seculos, mais e mais se foi ella amollentando em feminalidades. Ganhava em prestigio o que perdia em realeza de forças. A mulher de Roma e Grecia, mesmo amante e amada, incutia pavor aos seus sacerdotes; a mulher dos nossos tempos é uma creança que se quer acariciada e bajulada como se as graças da infancia lhe aquilatassem o merecimento.

— Parece-me, porém, interrompeu o principe de Montfort que as vantagens são a favor da mulher contemporanea, da mulher-mulher. Que entende o cavalheiro?... As suas patricias, a meu ver, são perfectas mulheres para se amarem, sem inveja de gregas e romanas...

— Certamente.

— E saiba que tem sido pretendidas de grandes senhores da França, da Polonia, e da Italia. E o avaro pai não as cede ás mais remontadas stirpes, nem aos mais abastados concorrentes. Fidalgo diz elle que o é dos mais antigos das Espanhas; e, como o Sr. Fernando sabe, o creador quiz, quando fez ou refez o globo, que a Espanha ficasse sendo um estanque de fidalgos, retemperados por sangue osthrogódo, alano, e suevo, sangue barbaro, que teve, quatro mil annos,

a sua nobreza escondida nas florestas do norte... Advirto-o meu amigo, desta avareza do Sr. de Briteiros, que não vá succeder apaixonar-se o Sr. por alguma de suas patricias!.. Eu ficaria com eterno remorso de o ter apresentado, se o visse amanhã a braços com um amor funesto!..

Fernando Gomes sorriu-se das graciosidades do principe, e sahiu, pouco depois, do baile.

No restante d'aquella noite, não viu Grecia nem Roma. Por sobre os vastos destroços, que compunham as necropolis da sua memoria, adejava um cherubim, em nuvens de perfumes; era tudo primavera, com seus devaneios; flores e mocidade e verdura em tudo; de tudo tirava esperanças que lhe chamavam a alma ao futuro. O passado, então, pareceu-lhe melancolico: a poesia dos imperios pulverisados, avultou-lhe como horrênda soledade; e o sol do dia seguinte encontrou-o ainda buscando no esplendor das suas visões o cherubim, que era, em todo o rigor e fidelidade, a imagem de Paulina de Briteiros.

(Continúa.)

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



## VISITA IMPERIAL

**Ao estabelecimento de optica de José Maria dos Reis.**

(Conclusão.)

—  
XXIV.

O imperador, que com o tino, que todos lhe reconhecem sabe medir o alcance de um estabelecimento destes, montado em tão grande escala no paiz, quiz honra-lo com sua visita, examinar as officinas, ver o gráu de seu aperfeiçoamento, e se ellas correspondiam á reputação, de que gosam.

Uma demora de mais de duas horas, e um exame minucioso de

muitos aparelhos, dão a ver exuberantemente o gráo de importancia, que o imperador ligou á sua visita, e fazem o lisongeiro panegirico do estabelecimento do Sr. Reis.

O imperador depois de percorrer, e examinar as officinas, e fazer judiciosas perguntas sobre diversos aparelhos empregados na manufacturação de varios instrumentos de incontestavel utilidade, quiz saber o numero de empregados, o gráo de suas habilitações, suas nacionalidades, e se havia artistas brasileiros habilitados, ou que se habilitassem, para substituir em tempo a mão estrangeira. Pediu uma estatistica dos oculos vendidos em varios annos para minorar os diversos inconvenientes trazidos ao aparelho da visão pela myopia, e pelo presbetismo, e os vendidos por mero luxo.

Passou depois a examinar os aparelhos de Soleil, que servem para medir a inclinação dos angulos dos cristaes, os aparelhos de Barresswil, para ensaios de assucar, e diversos outros instrumentos, como lunetas de Logeol, telescopios de varios auctores, esplectroscopios, theodolitos, hypsometros, cathetometros, novos pantometros etc. etc. fazendo sobre tudo observações precisas e luminosas, que causariam admiração aos mestres das sciencias, se todos não soubessem a variadissima instrucção, e os vastos conhecimentos, que poem o primeiro cidadão do Brasil no mais elevado perimetro por suas grandes virtudes, e por seu variado e profundo saber.

## XXV.

Os reflexos da corôa só pela corôa, o prestigio do throno só pelo throno é bem pouco hoje: nada vale: é um accidente de fortuna. A vaga, que roja lá para cima um homem, póde involvel-o em seu turbilhão, e arremeçal-o á obscuridade de sua profundez. E' vulgar o que digo, bem sei: mas não deixa de ser a verdade, nem perde por isso o repeti-la. Não é vulgar a ideia da morte? E quantas vezes ha circumstancias na vida, em que essa idéa vai longe, e que o relembral-a é util: em que é bom ver o pallido anjo ao limiar da porta, de azas cahidas, e espada em punho, a encarar-nos fixamente, á espera que tanja a hora marcada na eternidade, para segar-nos o debil fio da existencia?

Oft what seems  
A trifle, a mere nothing in itself  
In some nice situation turns the scale  
Of fate and rules the most important actions.

Estes versos de Tomson merecidamente celebres, podem dar a authoridade que falta ás minhas palavras: são palavras de poetas a cuja sombra me abrigo, e elles desde Moyses e Homero tem sido os grandes revolucionarios da idéa, os grandes legisladores, e os maiores utopis-

tas, porque são os homens de mais fé, mais crenças, e mais esperanças no porvir da humanidade.

A corôa é ouro : o throno é um pedaço de páu : a mão do operario e do artista reduziu aquillo tudo ás magnificas e fascinadoras formas em que o vemos. Mas o que constitue a verdadeira grandeza da realera e do homem é o merito proprio : é este, o que eleva, é este, o que firma, é esteo que constitue uma posição vantajosa ; é este que faz o rei, que põe no primeiro plano o homem : é a unica solida garantia de duração ; o mais forte antemural que o póde levantar entre si e as vicissitudes. O povo de dia em dia se engrandece ; e o monarcha brasileiro é do seu tempo ; engrandece-se com elle : Sua consciencia lhe disse, o que o grande poeta disse aos reis :

Soyez de votre temps, écoutez ce qu'on dit,  
Et tachez d'être grands, car le peuple grandit.

#### XXVI.

Eu já disse uma vez, em solemne occasião, referindo-me ao chefe da nação, e porque m'o depara o ensejo, o repito : Elle é o primeiro cidadão deste grande imperio por sua hierarchia, e o quer ser tambem por sua intelligencia e civicas virtudes : a industria, o commercio, as artes, as sciencias, as instituições philantropicas, tudo o que significa illustração, tudo o que significa aperfeiçoamento do homem, tem—n'o fronteiro.

Tem sempre entre os dous dêdos um raio de luz para fulminar um raio de treva.

Elle é do seu tempo ; e tem gravado nos umbraes de seus paços — justiça e caridade ; — e como o bom monarcha de Rowe, elle ao comecçar o seu reinado, devera ter pronunciado :

Yet would I choose to fix my fame in peace,  
By justice, and by mercy.

Hoje todos servem a uma só causa : hoje ninguem se illude ; isto é bello, isto é grande, isto nobilita o labor do seculo.

Reis, e povos, sabios e legisladores, poetas e phylosophos, tudo resolve uma pedra no grande reviramento porque passa a sociedade moderna, na grande regeneração porque passa a humanidade.

Hoje todos servem a causa da democracia : o sabio, que a guerrêa e combate, o sabio que a defende e ensina ; o que a ama e o que a odeia ; o que a serve e o que a illude ; o que a exagera e o que a modera ; porque emfim a luz sahe das nuvens, que se entrechocam ; porque a luta é a vida, porque a verdade é uma. Napoleão que é a lei e opprime, Phrondon que a exagera, Louis' Blane que se apaixona, Lamartine que a santifica, Lanmenais que a préga, V. Hugo que a propaga, Eugénia Pelletan, que a explica, todos servem a mesma causa :

uns são a sombra, outros a luz; e a doce figura da liberdade destaca-se do quadro, melancolicamente bella, corôada de estrellas, risonha, e invencivel.

## XXVII.

O Imperador do Brasil comprehende o espirito do seculo dezenove; allia-se á grande crusada do progresso e da regeneração da humanidade: é soldado nas fileiras dos homens, que lutam com a sombra.

E a sombra o que é?

E' a irmã da noute; a cuvilheira de crimes; é a ignorancia, o maior grilhão e o mais forte, com que a tyrania e a prepotencia podem amarrar o homem ao seu carro de triumpho; é o vicio, é tudo que é mau e degradante, tudo que corrómpe e mata, o que enerva e aniquila, que baixa Roma até Nero, que funde Sodôma em lago bituminôso e esteril.

O nivellamento social, o desenvolvimento cada vez mais rapido e progressivo do trabalho, com a conquista dos meios extraordinarios, com que o homem se arranca das mãos de ferro da natureza; e a submette, e a tyranisa, e a torna escrava intelligente dos seus menores caprichos.... o nivellamento social é uma cousa em que eu tenho fé, e me sinto delirar de tão sublime loucura.

Que delirio vertiginoso é esse, que se precipita sobre trilhos de ferro, e devorando o espaço deixa após si o morôso furacão enconstando-se aos troncos das florestas, acompanha-lo de longe?

Que delirio é esse do monstro, que affronta as iras eternas do oceano, que até ha pouco, pedira emprestado as azas dos passaros para voar sobre os mares á mercê dos ventos, e que hoje reavivado com entranhas de ferro, tem nas arterias fogo a circular, e como o Typhéu da fabula, vomita chammas, e rugé, e bate com as duas enormes azas de ferro o mar, e affronta em face o vagalhão, a tormenta, o vento, que lhe cospe os seus velhos rugidos, e os seus velhos chuviros, sem arredar um passo, antes atrevessando-os, como setta incendiada?

O tridente de Neptuno está quebrado de vez.

O presente parece um delirio: consintam-me ter o delirio do futuro!

Rujam embôra os descrentes do progresso: malbarateem as glorias das grandes conquistas do seculo: propale-se a sciencia de mãos dadas com a liberdade. Quem pôde sonhar só a que alturas nos vão ambas levar? Luz, ensino aos homens! Azas, azas, azas como diz Rûchert; azas para levar-nos ao ceu como diz Shaskpears:

Seing ignorance is the curse of God,  
Knowledge the wing wherewith we fly to Heaven.

DR. LUIZ DELFINO.

# A POESIA POPULAR.

(Carta a Ida W. Müller)

Minha querida amiga.

Lembras-te ainda d'aquellas bellas tardes, que, assentados na Fuente-Castellana, ou discorrendo pelos bosques do Retiro, passamos discursando, tu ácerca da Allemanha, da Italia e da Suissa; eu a respeito da minha patria? tu narrando episodios de viagem, descrevendo paisagens, castellos e ruinas; eu... fallando só de saudades? Pois n'uma dessas tardes, (não sei se te recordas), paramos em Chamberi para ouvir Percio-el-Ciego, que cantava n'aquella sua engraçada tonadilha, um dos mais poeticos *cantares* de Antonio de Trueba. Tu sorrias escutando-o; eu.... não sei senão que me disseste: « *Tienes un corazon de niño* »!

E' que me lembrava a minha patria; na minha patria uma aldeia; e nessa aldeia, oh Ida! como tinha saudades, via n'aquelle instante tudo o que, dez annos antes, me fôra allivio e companhia nas tristezas e amarguras da minha pobre infancia: o monte, o rio, a floresta, a ermida, e a casinha branca de Maria — a — Cantadeira.

Ha dez annos! tudo estará já mudado: O monte não terá o mesmo musgo, que me servio de leito á sesta; o rio as mesmas aguas; o bosque as mesmas folhas; a capellinha o mesmo sino, que tocava ás—Ave-Marias—; e a minha saudosa companheira terá ido, talvez, terminar no ceu a derradeira estrophe dos seus hymnos melancolicos! Talvez! Mas, quando eu lá fôr, e me assentar á sombra dos pinhaes no monte da Varziella, uma voz me cantará:

Se estas arvores fallassem,  
« Qualquer dellas te diria,  
« Que a cantar por ti chamava  
« Que a chorar por ti vivia!

E eu conhecerei que é ella.

Quando ás margens do Ave me recostar pensando no passado, a mesma voz cantará ainda:

Foram tantos meus suspiros  
 « Ao ver que me ias deixar,  
 « Que as mesmas aguas do rio  
 « Inda vão a suspirar. »

E eu conhecerei ainda que é ella.

Quando, dos degraus do cruseiro, alongando a vista pelo valle, perguntar ao vento, que passa pela casinha branca, se lá existe a amiga da minha infancia, a mesma voz me dirá ainda :

« Quem disser que a vida acaba  
 « Digo-lhe eu que nunca amou :  
 « Quem deixou ficar saudades  
 « Nunca o mundo abandonou.

E eu conhecerei então que não é ella ; mas a saudade !

Ahi tens, Ida, o que eu via, ouvia, e sentia escutando em Chamberi aquelle cantar do nosso Trueba ! ahi tens o que produzia na minh'alma a poesia popular, o despertador constante das memorias de uma infancia triste !

E tu, quando se calou Perico, disseste sorrindo : « *Trueba es un gran poeta !* » e continuaste, sem duvida, pensando nas obras da *gare* de Strasburgo, em quanto eu, como que respondendo ás saudades que me fallavam cá dentro, repetia os melhor inspirados improvisos da musa popular.

« Ouve, Ida — te disse — estes bonitos versos :

« Dizem que o chorar consola :  
 « Eu chorar não chorarei,  
 « Que assim perdia as saudades  
 A que já me acostumei. »

— Si, querido, si, mañana me los dirás ! foi a tua unica resposta.

E, no dia seguinte, fallaste do encanamento de Lozoya, e no outro, do museu do Louvre ; e, no terceiro, da Torre de Londres ; e no quarto, e, cada novo dia, novo assumpto ; e a poesia popular só comigo e com as minhas recordações dos quinze annos ! Mais tarde, deixei-te para ir ver os jardins, e os pomares de Valencia ; para scismar nas agruras e nos valles das Asturias ; para atravessar as montanhas e os campos da Galliza ; e sempre na minha companhia a poesia popular a lembrar-me na Vega, na Mariña de Betanzos, no Vallé de Neiva de Jusá ! E em toda a parte a reproducção da tua indifferença !

Uma manhã passeava eu, na alameda de Leon, com as sympathicas irmans Pelaez ; e, em quanto Paquita me fallava

das excentricidades de D. Diego, Dolores trauteava em não sei que seguidilla :

« Tres añs despues de muerto  
« La tierra me preguntó :  
« Que si te habia olvidado ;  
« E yo le dije que no ! »

« Quem é o autor desses bonitos versos, Dolores ? perguntei.

— Quien ? quizás un tonto : el pueblo — respondeu.

« E não crês tu que seja um louco apreciavel o povo que assim canta ?

— Cá ! el pueblo és necio : habla por boca de ganzo.

« Não digas isso, Dolores. A boca do povo só tem expressões para o que sente : canta quando soffre, traduzindo em poesia o que tem no coração ; canta...

— Calla ! calla ! que me fastidias con tus disertaciones sentimentales ! El pueblo... mira : allá lo tienes...

E apontou para um caleceiro, que dormia ao som das campainhas dos machos da *galera*.

— Se vá, inspirando ahora del hermosísimo cielo de su patria — accrescentou Paquita rindo.

Decididamente, eu devia calar-me. Quando uns olhos como os de Paquita só viam no povo a materia ; quando um coração como o de Dolores não sentia a suave influencia da poesia popular, o meu devia fechar-se com o segredo dos seus amores. Calei-me.

E vens tu também agora perguntar-me, espirito sarcástico ! se Maria cantava os romances de Garrett, porque — dizes — « si el Dios estaba fuera della, yo tam bien soy poeta como tu Maria. » — Não és, não, Ida ; porque a poesia popular não é o que pensas ou o que por ahí teem dito : nem os romances, nem as lendas, nem os solaos, nem os contos. O povo é só poeta : não romancea ; canta ; e cantar não é reproduzir tradicionalmente historias d'amores cavalheirescos. Que sabe elle de castellos e de saraus ? de justas e de torneios ? de castellans e de pagens ? O povo canta só o que sente : amores perdidos e amores correspondidos. Se outra cousa lhe pedires, não t'a dará, de certo.

Que póde cantar o arabe do Sahará senão a solidão do deserto, os seus prazeres ou tristezas ? Se, ao fallar de Leilah, te descrever o seu cavallo, a palmeira, o oasis, a miragem, a aurora, a tempestade, falla-te do que vê, do que sabe, do que

sente. E' assim tambem a camponeza do Minho. Se lhe pedires amores ou saudades, terá sorrisos ou lagrimas para dar-te; mas de castellos roqueiros, de torres de menagem, d'escudeiros e tavolados, não lhe falles, que te não comprehende.

Olha Ida : não confundamos a natureza. O que é do campo só o sabe quem nasceu no campo, como o que pertence aos salões só o sabe quem nasceu na côrte. Por isso o principal defeito dos poetas bucolicos é descreverem amores de sociedade onde os devia haver campestres; é collocarem cortesãos onde deviam estar pastores. Como queres tu, pois, que o poeta dos bosques cante os amores cavalheirescos da meia-idade?

Não, amiga minha, não são; não pôdem ser populares esses cantos, que lêste no Romanceiro do Garrett. Alli ha o cunho da arte, ha o colorido da escola, ha o perfume dos salões; e nos versos populares só ha o vago do malar indiano, o imprevisto da tragondia klepta.

E, senão, vae ao campo. Esconde-te entre os salgueiraes, á beira d'agua, por entre os pinhaes, no monte : onde quer que haja uma pastora e um rebanho. Escuta-a.

Os seus cantares terão o mesmo stylo, o mesmo character, o mesmo sentimento; mas não terão ligação, nem unidade. Sahem-lhe d'alma como os suspiros, se está triste; como os sorrisos, se está alegre. Que sabe ella de preceitos d'Aristoteles, nem de Horacio? Aprendeu o segredo da harmonia no gorgear das aves, no sussurrar das brisas, no ramalhar das florestas, no murmurar dos rios. E se quizeres indagar a causa do perfume melancolico dos seus versos, dir-te-ha, com certeza, que não sabe; que assim lh'os forma o amor no coração, a saudade na selva, a solidão no monte.

Mas nos cantos, chamados litterariamente, e impropriamente, populares ha exordio, narração, desenvolvimento e desenlace; ordem e unidade; e nada disso sabe o povo, por que esse, repito-o, só é poeta, e procurar n'elle as regras da arte é avaliar os trinados suavissimos do rouxinol pelos preceitos de Burgmüller.

Por que chamam populares essas trovas? Por que as repete o povo? Então por que o não chamam á *Gierusalem liberata*? pois os gondoleiros de Veneza cantam os amores de Rinaldo. Ao *Ramayana*, porque cantam as saudades de Sita os pescadores de Ceylão?

Eu te digo, minha Ida : esses romances, obra de trovado-

res cortesãos da idade-media, passaram, como as lendas monásticas, para o grande archivo da memoria do povo; mas não são elles os que o acompanham nas fadigas do trabalho; não são elles que distraem na solidade das montanhas a pastora, sem mais companhia do que o coração e o seu rebanho. Não. Ha na litteratura popular um cancionero mental, que centenaes de poetas ignorados teem enriquecido de lagrimas e de risos, d'amores e de saudades. E' ahí que os moços aprendem a cantar as ditas e as desdidas albeias: venturas, que ainda não conhecem, tristesas, que tarde comprehendem. Cantam, então, só porque as aves tambem cantam. Depois, sim: os versos sahem-lhe do coração vagos, a principio como o sentimento que os inspira; mais tarde, apaixonados; e, por ultimo, tristes. E' que, aos quinze annos, se canta o amor que se adivinha, aos vinte, o amor que se sente; aos trinta, o amor que se perdeu, e, com elle, as amargas lembranças do passado.

Maria cantava assim. Ouvi-a aos quinze: deixei-a, quando começava a aproximar-se aos vinte.

Muitas vezes, longe d'ella, alongando a vista pelo espaço, buscava... além... lá abaixo... no fundo do horizonte o monte, onde ella dizia estar ás tardes; e applicava o ouvido ao vento esperando perceber o som d'uma voz que me chamava! E como o horizonte tinha nevoas; e como o vento passava rosando na sua linguagem inintelligivel, dizia: Sou um morto-vivo: vivo, porque soffro; morto, porque me esqueceu!

E não era assim, Ida; não era. Depois soube que, divagando sosinha pelo monte, onde fallavamos; sentada a beira do rio, onde nos viamos; e olhando do fundo da quebrada para o outeiro, d'onde lhe dava o — adeus! — ás tardes, cantou, durante dous annos, tudo o que se canta aos trinta!

O que dizia não sei. Quando lá fui, as arvores, que a ouviram, estavam mudas; as aguas do rio, que lhe recebeu as lagrimas, estavam confundidas no oceano; e as aves, se eram as mesmas, estavam estudando ainda como me repetiria mas suas maguadas endeixas! Só a poesia popular me disse:

« Se algum dia aqui voltares  
« Fallar-te de mim quem hade!  
« Se em nenhures me encontrares,  
« Busca por mim na saudade. »

E eu fui ao fundo da quebrada: oito annos tinha mapagado os vestigios dos pés d'ella!

Fui á casinha branca : os velhos estavam sós ao lar !

Fui ao adro da igreja : as ervas tinham crescido sobre as campas !

Estava lá, e não me viu ! chamei-a, e não me fallou ! Mas o vento, agitando as roseiras do cemiterio, parecia murmurar ainda :

« Quem disser que a vida acaba,  
« Digo-lhe eu que nunca amou :  
« Quem deixou ficar saudades  
« Nunca o mundo abandonou !

E é assim, Ida. A saudade é a segunda vida para os que deixam na terra um coração amante e uns olhos, que lhes banhem de lagrimas a campa ! porque esse sentimento— a saudade—tem effeitos galvanicos : anima os cadaveres, fal-os fallar, sorrir e chorar ; chora com elles, ri, conversa, para os deixar cahir de novo na valla onde repousam frios, gelados, hirtos, sim ; mas sempre amados, mas ch rados de continuo, mas esquecidos.... nunca ! Nunca ! porque o coração, Ida, é a placa onde o amor daguerreotypa a imagem dos que amamos, e que o stereoscopo da saudade nos faz ver sempre como vivos, com o mesmo olhar, com o mesmo sorrir, com a mesma expressão, embora mudos quando lhe fallamos, embora insensíveis a caricias, a rogos, e a lagrimas ! Temol-os alli : com isso nos consolamos. Oh ! que eu bem o sei !

Maria, a amiga da minha triste infancia, morreu ha doze annos. E crerás tu, Ida, que muitas vezes, ouvindo um d'aquelles cantos populares, a vejo apparecer aos meus olhos, como em vida, e trajando ainda, como n'aquelle tempo, o singello e pittoresco vestuario do Alto-Mindo ! Pois vejo.

Uma tarde, discorrendo sosinho pelos pinhaes da aldeia de Paranhos (onde tambem me vivem saudades de vinte annos) cheguei onde o matto era mais basto, o arvoredado mais fechado, o terreno mais bravio. Parei. O sol tinha descido no horisonte, e apenas uns raios frouxos, pallidos, e tristes como despedida de muribundo, banhavam a copa do pinhal. As aves mal se ouviam, e o vento bafejava as searas ressequidas do calor do dia. Ao longe via-se uma casa ; e eu pensava... não me lembra já em que pensava, Ida ; mas uma voz meiga e como que chorosa, suspirou junto de mim, não sei que queixa. Voltei-me : immovel, a poucos passos de distancia, com o mesmo olhar, mas mais melancolico; com o mesmo sorriso,

mas mais triste; murmurando palavras imperceptiveis, vi, oh! estou bem certo de que vi, a amiga da minha infancia!

E não era ella. Uma rapariga do campo ia em distancia cantando uma tonadilha popular. Era a saudade!

Ahi tens, Amiga, o que é para mim a poesia popular: a cadeia, que ata um vivo a um morto, o fio electrico que liga o meu presente ao meu passado.

Querias que dissesse o que ella é em si? Olha: é isso que ahi fica: amores e maguas; tristesas e alegrias — o que se sente e o que se soffre!

Adeus.

Porto, 20 de fevereiro de 1863.

Teu do C.

AUGUSTO SOROMENHO.



## VIAGENS.

### PORTO-FELIZ.

(S. PAULO.)

Sem pagem para me acompanhar de Sorocaba a Porto-Feliz, que são seis leguas estiradas, fui obrigado a contratar um camarada para me ensinar o caminho e servir de guia por estas paragens, para mim desconhecidas, da provincia de S. Paulo.

O meu companheiro era um Rio-Grandense, homem de seus cincoenta e tantos janeiros, baixo e refeito, de frente calva, córado e robusto, que fizera já umas quatro vezes a viagem por terra de S. Paulo ao Rio Grande, por dentro dos sertões, sem que o assustassem os rugidos das feras, nem o encontro pouco agradável dos bugres.

Ainda não vi empregado mais lesto no serviço, e de

uma loquela tão inexgotavel! Para elle arrear uma besta com todas as formalidades do estylo, e ajustar-lhe ao lombo um selim, um lombilho ou um par de pesadas canastras, era negocio mais facil que para qualquer de nós descalçar um par de botinas que lhe aperta os calos! Enquanto as mãos, os braços e o corpo andavam em constante movimento, a lingua não fazia menos evoluções. Era um moínho de moer palavras. Tinha porém um defeito o bom do meu camarada, era surdo como um pôço entulhado! Eis aqui o motivo porque fallava sempre; como não ouvia a resposta, reduzia todo o seu discurso a um monologo affirmativo.

O velho Leonardo, que assim se chamava elle, tinha uma propensão e um gosto ducidido para os narrativos de viagem. Um desvio da estrada, uma ponte sobre um ribeirão, a choça isolada de algum caipira vagabundo, um rancho solitario ao lado d'um pastorejo, uma cruz, uma pedra do caminho, eram assumptos para discorrer por largas horas com admiravel fecundia. O sotaque particular da falla, o accentuado das palavras, o pictoresco de sua linguagem, davam-lhe um interesse indiscriptivel, e direi mesmo sympathico! E' escusado portanto dizer que o velho Leonardo tornou-se para mim mais que um companheiro, tinha necessidade de vê-lo, e ouvil-o constantemente a meu lado, trotando em seu cavallo esguio e magro, e espalhando pelo ar as baforadas do inseparavel cigarro de palha!

Passando junto á ponte Caraguasui fez-me judiciosas e longas observações acerca do mau estado de todas as pontes que existem ao sul do imperio, e não sei que mais cousas, a que não prestei, confesso o meu peccado, toda a attenção a que o meu excellente camarada tinha direito.

Haviamos sahido ás duas horas da tarde de Sorocaba, e eram bem cinco horas quando entramos em um valle, que pelo aspecto areento de seu sólo, mostrava ser em parte formado pelo leito secco de um rio, e onde se encontrava mesmo uma ou outra passagem com agua.

Depois de realisarmos a ascensão de uma ladeira um tanto escabrosa e agreste, chegamos ao alto de um morro sombrio e desanimador, onde apenas avultavam dois objectos dignos de reparo; um rancho desmantelado, e uma pequena casa em não melhor estado, que lhe ficava a distancia de

algumas braças, e que era a única *venda* que se encontrava pela circumvisinhança das leguas mais proximas.

Morto de cansaço pelo andar desencontrado da cavalgadura nos trilhos desiguaes da estrada, sentindo quasi desconjuntadas as articulações, e de mais a mais com o estomago vasio, sorrio-me á primeira vista este lugar de descanso, como um verdadeiro paraíso de quem não espera encontrar cousa melhor.

— Como se chama este lugar ? perguntei eu a Leonardo, parando o meu animal á porta do casebre.

— Chama-se o pouso de Indayatuba, me tornou elle, depois de lhe haver dirigido a pergunta por trez vezes, com escalla ascendente no diapasão da voz.

— E' melhor o patrão apêar-se, continuou elle, sem esperar pela minha resolução, e desmontando já do seu magro rocinante, porque esta é a unica pousada onde podemos hoje encontrar que comer, e lugar onde dormir está noute, visto que os caminhos são ruins, e não é prudente viajar de noute por terrenos pantanosos e no meio do escuro.

— Mas esse não é o nosso ajuste, lhe tornei eu ainda indeciso na resolução a tomar, você obrigou-se a acompanhar-me até Porto-Feliz em viagem seguida, e eu preciso achar-me ahi esta noute.

— Faça o patrão o que quizer, mas eu não sigo d'aqui nem pelos tresentos. Ao romper da manhã começando um homem a lidar com os animaes, e rebenqueando de vez em quando a cavalgadura da sella, e os cargueiros, adianta-se muito caminho ; mas lá metter pelo escuro as bestas dos fregueses, e as cargas dos patrões, é cousa que não sou capaz.

— Eu tenho muita pratica de navegar por esses sertões dentro e só e quando é preciso ainda me arrisco, mas acompanhado por um amo que não está costumado a estas rudesas da vida, não é possível, não senhor.

Estas ultimas palavras foram pronunciadas tirando o chapéu, e coçando significativamente atraz da cabeça.

Forçoso me foi, portanto, em presença deste incidente, resignar-me a um obstaculo, que não havia entrado em meus calculos de previsão ; quanto mais que no dia seguinte tive a prova de que o meu velho camarada costumava opinar sempre com profundo e verdadeiro conhecimento de causa.

— Pois apeiemo-nos, contestei-lhe eu, deixando-me cair

desanimado do alto do selim do meu burro, e lançando um olhar entristecido para o interior da sebenta arribana, onde tinha de passar uma noite de tão aborrecida insomnia.

A espelunca era realmente repugnante. A primeira divisão formava uma pequena quadra, onde estava estabelecida a *venda*. Subindo um degrau de pedra que havia na porta, entrava-se nesta especie de armazem de porão, adornado por duas ordens de prateleiras escorregadiças, onde se enfileiravam algumas duzias de garrafas de cachaça, tapadas com rolhas de espiga de milho.

A casa era cortada transversalmente por um balcão humido e sujo, sobre que assentavam as conchas de uma balança de folha enferrujada, completando a guarnição da loja algumas mantas de toucinho rançoso e carne secca esverdeada, pendurados em pregos de galeota. O ar que se respirava nesta lobrega cafurna seria sem duvida julgado mephitico pela junta de hygiene publica.

Leonardo chegou á porta, entrou, e batendo um murro sobre o balcão, gritou com voz de stentor :

— O' lá de dentro ? Então não tem aqui gente ?

A estas palavras acudio uma creatura humana, que pelos trages indicava pertencer ao sexo feminino; mas cuja fealdade estava em perfeita harmonia com a suturna prespectiva do painel.

— Os patrões querem alguma cousa ? perguntou ella com o olhar espantado de quem sahe do escuro para entrar de chofre na claridade.

— Queremos jantar, pousada por esta noute, e milho para os burros, tornou-lhe Leonardo com o ar sobranceiro de um lord inglez que viaja por distracção.

— Aqui temos *bróa* e *pinga*, respondeu a mulher, está ali o rancho para se arrumarem, e o Juca vai tomar conta das bestas.

O Juca era um verdadeiro idiota, que parecia no tamanho uma criança de doze ou treze annos, mas que poderia orçar ahi pelos seus quarenta. Os olhos esbogalhados, a boca rasgada e com uma abertura de dois dedos de labio a labio para dar passagem a trez enormes dentes acavalados, era esta a singular physionomia do tal Juca, que a um grito da velha locandeira pulou do fundo do quintal, como um cão de fila ao assobio de seu dono.

Leonardo explicou-me neste comenos a significação

das duas palavras *pinga* e *bróa*, que me estavam fazendo dar tratos ao juízo.

*Pinga*, quer dizer cachaxa ; e *bróa*, um pequeno e envernizado pão de milho, pouco mais ou menos com a consistencia de uma pedra.

Fiquei desanimado.

A instancias, porém, de Leonardo, a mulher resolveu cozinhar uma panella de feijões, preparar-nos uma galinha ensopada, fornecer-nos um prato de arroz e uma cuia de farinha.

Leonardo ficou diante de mim com esta promessa, como se tivesse na perspectiva do estomago um banquete de Hellogabolo.

Faltava portanto decidir uma das questões, quanto a mim, mais graves e serias : era o lugar onde dormir, e atirar desde já com o corpo completamente trocicado.

O rancho aberto na frente, e coberto apenas por um desconjuntado telheiro, tinha buracos nas tres parêdes, por onde sem grandes esforços podia entrar um homem, abaixando a cabeça. Dormir ali, era o mesmo que ficar no meio do terreiro, exposto ao tempo, e talvez de noite a servir de poleiro ás galinhas que entravam e saham por todos os accessos livres do pardiêro, com uma franqueza digna dos tempos patriarchaes. Leonardo appresentou á velha todas as graves ponderações que lhe sugeriu o interesse que tomava pela minha saude, e seja dito em abono da verdade, conseguiu arrancar-lhe outra concessão, que bastava, quando não houvessem outros motivos para o tornar a meus olhos um orador eloquente.

Eis o caso : ao lado da porta da venda havia uma outra porta, que além de servir para formar a simitria da frente do edificio, que não tinha deste lado nenhum outro respiradouro, dava para um quarto, que tinha uma applicação importante nos usos domesticos ; era destinada a guardar a lenha. Foi esse o aposento, talvez a melhor peça da casa, que, não sem muito custo, temporariamente se nos concedeu.

Sentei-me no degráo da porta, e deixei cahir a cabeça entre as mãos, como quem se resigna a passar pelas forcas candinas.

Em quanto eu scismava, Leonardo continuava o seu soliloquio, e os animaes ruminavam tranquillamente a ração

de milho, que lhes apresentára o disforme Juca; a velha tinha desaparecido pelos fundos da casa, e poucos minutos depois estava completamente toldada a atmosphera com a fumaça nauseante de gordura derretida.

Em quanto as panellas chiavam no braseiro, o Juca e sua mãe tomavam a hombros, — e note-se que não fallo aqui em estilo figurado — a improba tarefa de mudar a lenha de domicilio, e apromptarem-me a cama, depois de varrerem o chão terreo do quarto com uma vassoura de folhas do mato.

Pouco depois trouxeram um catre de pernas desconjuntadas, e que foi preciso amparar n'um angulo da casa para não cahir; formado de travessas de madeira e correias de couro entrançados, negro e repugnante, como a enxerga de uma masmorra.

Estendi a minha roupa, isto é um capote de viagem por cima deste sofá de molas, e estirei-me ao comprido, fatigado e sem alento.

Assim passei ainda duas longas horas, á espera da nossa parca refeição. Chegado finalmente o instante tão desejado por Leonardo, e não menos por mim, dirigimo-n'os á sala do jantar, que era a propria *venda*, servindo o balcão de mesa. A' falta de cadeiras, ou de outro qualquer comodo, onde nos sentar, eu pulei para cima da mesa, e Leonardo comeu de pé, e com um appetite que realmente invejei, pois quanto a mim mal pude tragar um pedaço de galinha e alguns grãos de arroz, tal é o ponto de perfeição a que por estas alturas tem chegado a arte culinaria!

Terminado o opiparo banquete, a unica distracção que se me offereceu, foi tornar a deitar-me. Assim o fiz.

(*Continúa.*)

A. E. ZALUAR.



# DINHEIRO !

( Conclusão. )

LIV.

Mas não deixe este quadro *arrependido*  
Quem o dinheiro, só, ama na *terra* ;  
O que fôr nestas cousas *entendido*,  
Aos restos do pudôr movendo *guerra*,  
Zombará do outro mundo *promettido*,  
Que d'espírito os pobres só *encerra* :  
Se alguem aos homens outra lei *mandava*,  
Errou, por não saber com quem *tratava*.

LV.

No seculo do gaz, bem mal *convinha*  
Ter ás trevas o povo *acostumado* ;  
Deu-lhe o progresso idéas que não *tinha*,  
Mostrando-lhe o dinheiro *desejado* ;  
E o povo, como a hospede que *vinha*  
( Digno de ser em casa *agasalhado* )  
O joelho dobrou, curvou-se *attento*,  
E a crença no dever soltou-a ao *vento*.

LVI.

Fôrá essa crença ratoeira *armada*  
Quando a accção do poder se *dividia*,  
De encantadas visões *acompanhada*,  
Pela firma — **Pudôr & Companhia** : —  
Essa firma falliu, ficou sem *nada*,  
Embustes ninguem crê, que nos *ordia*,  
E se o mundo melhor não se *informava*.  
Da cêpa torta nunca mais *passava*.

## LVII.

Dissiparam-se, á luz negros *enganos*,  
 Que tal cegueira aos povos *ensinára*;  
 E, se a idade de ferro causou *danos*,  
 Fulgente idade-d'ouro se *prepara*;  
 D'aqui até aos portos *Indianos*  
 Desta lei o vigor já se *declara* :  
 Era, de todo, parvo quem *dizia*  
 Que remorso, ou castigo, inda *temia*.

## LVIII.

Seja, pois, o dinheiro o *pensamento*  
 De quem, antes com honra se *enganou*,  
 E, sem ter entre os homens alto *assento*,  
 Só em pobres choupanas *habitou* :  
 Agora sim, que o povo, ao ouro *attento*,  
 De tel-o por monarcha se *alegrou*;  
 Que nem esta mudança eu lhe *rogava*  
 Sem conhecer o seculo em que *estava*.

## LIX.

O dever pede só, não *determina* ;  
 Vence o dinheiro mais ; — manda, não *pede*,  
 E a seu mando cahiu, já, por *malina*.  
 A lei de Christo, ou lei de *Mafamede* :  
 Fazendo cada qual o que *imagina*,  
 E a riqueza dos mais vendo que *excede*,  
 Pode até ser ladrão, ninguem lh'o *chama*,  
 Se bôa fama inveja, compra a *fama*.

## LX.

Já do mar na penuria, a triste *frota*  
 Dessa gente, por honra *celebrada*,  
 Conhece que ia, pela antiga *rota*,  
 Fundear na pobreza *não cuidada*;  
 E da via voltando, tão *remota*,  
 Ao porto da riqueza, *tanto amada*,  
 O piloto **Dinheiro** hoje *a desvia*  
 D'onde o piloto *falso a leva, e guia*.

## LXI.

Desenganou-se a gente, não *podendo*  
*Tal determinação levar avante* ;  
 E ao famoso **piloto** *commettendo*,  
 A nova direcção, pois é *constante*,  
 Vai por douradas aguas *discorrendo*,  
 Sem que algum embaraço veja *adiante*,  
 A não ser, de joelhos, toda a *gente*,  
 E os bichos, por instincto, *junctamente*.

## LXII.

Abaixo quem ao povo só *mentia*,  
 E escrupulo á consciencia lhe *levava* ;  
 Abaixo quem do seu mais nada *havia*  
 Do que o brio e pudor que *celebrava* ;  
 Abaixo quem na honra e dever *cria*,  
 E a fama, por tão pouco, *demandava* !  
 — Saiba a gente de **abusos** *guardadora*,  
 Que o **Dinheiro**, onde vae, põe tudo *fora*.

## LXIII.

Vereis, por elle, unida e bem *chegada*  
 Gente que no pensar se *dividia*;  
 Vereis entre a grandesa *situada*  
 A que entre a plebe, só, *apparecia*  
 Com roupa, velha já, mal *fabricada*,  
 Onde a ausencia fatal se *descobria* :  
 Vereis o imperio seu em toda a *idade*,  
 Nas aldeias, nas villas, na *cidade* !

## LXIV.

Seu reinado feliz é já *chegado* !  
 Quem espera outro rei, o mesmo *espera*  
 Se esperava que o demo *baptisado*,  
 Convertido, entre nós, missa *dissera*.  
 Tenha o seu cada qual a bom *recado*,  
 Que se outro lh'o pilhou, já seu não *era*,  
 E o amigo officioso, que *avisára*,  
 Se mais cedo viéra, lh'o *tomara* !

## LXV.

DINHEIRO! Gloria a ti! Avante, *amigos!*  
A tal nome, não fique alguém *coberto!*  
E vós, que honrados sois, d'elle *inimigos,*  
Mostrae-me esse *toutiço descoberto!*  
*Oh grandes, e gravissimos perigos!*  
*Oh caminho da vida nunca certo!*  
De vêr-vos terminar sinto a *esperança,*  
As estradas são d'ouro, ha *segurança!*

## LXVI.

Já não vem o dever causar mais *dano,*  
Já a honra transigiu, *apercebida!*  
Virtude, honestidade, eram *engano,*  
Juramentos, loucura *aborrecida!*  
*Onde pôde acolher-se um fraco humano,*  
*Onde terá segura a curta vida?*  
No — DINHEIRO — que dá viver *sereno*  
Ao bichinho da terra mais *pequeno!*

F. X. DE NOVAES.



## CHRONICA.

*Rio de Janeiro, 1.º de Maio de 1863.*

*Os extremos tocam-se*, dizem. Eu de mim acho que é uma verdade; e, para não ir além da applicação que ora me convem, lembro apenas que os pequenos infortunios tem um ponto de contacto com as grandes catastrophes; e a bancarrota de um negociante de grosso trato não o affligirá mais do que me afflige o desfalque de assumpto para a chronica desta quinzena.

*Affligia-me*, devo eu dizer; por que a boa estrella que preside aos meus dias, sempre me depara, na hora arriscada, com uma taboa de salvação.

Desta vez a taboa de salvação é uma carta, uma promessa e uma noticia. — Parecem trez cousas, mas não são, por que a noticia e a promessa vão incluídas na carta.

A noticia é de um romance .... por fazer; e é promessa que me faz em uma carta um amigo a cujos escrupulos de mode stia não posso deixar de attender; e de quem não posso assoalhar o nome.

Estou certo de que o leitor não levaria a mal que eu desse neste ponto dous dedos de conversa acerca do meu salvador. Nada lhe direi; e a razão é que uma pintura viva e completa daria em resultado immediata contestação do retratado. Succintamente posso dizer-lhe que, só por vergonha é que o meu amigo não se faz anachoreta; mas se jamais veio ao mundo um homem com disposições á vida solitaria e contemplativa é aquelle; olha os homens por cima do hombro e prefere-lhes muito e muito as rolas e as cegonhas. Das cegonhas falla applicando sempre a observação de Chateaubriand, que as vio sahindo aos bandos da península grega para Affrica, do mesmo modo porque sahiam no tempo de Pericles e de Aspasia. Tal é o contraste da mobilidade das cousas humanas com a immobilidade do resto da natureza, accrescenta o autor dos *Martyres*; e o meu amigo adhere do fundo d'alma a essa opinião. Pelletan tiraria de facto uma conclusão favoravel á humanidade; mas o meu extranho amigo, pensa diversamente e acredita de convicção que está com a verdade.

Não o conteste o leitor, por que eu faço o mesmo.

« Meu amigo, escreve-me elle, á força de não pensar nó que me rodêa attingi a um estado de desapego das cousas da vida que ás vezes me acredito o unico escapo de um cataclysmo universal. Imagina com que sabor volto

de quando em quando o pensamento para os successos do tempo. E' uma nova occasião de confirmar-me nas minhas anteriores impressões.

« Dias passados lembrei-me de ser poeta. Vê lá a que ponto cheguei ! Tomo a poesia como uma cousa dependente da vontade, como a construcção de um predio ou a fabricação de um pergaminho.

« Deixa passar a heresia.

« Lembrei-me de ser poeta ; e como não tenho vocação para isso, attribuirás tu esta disposição do espirito ao amor. O amor ! Posso eu senti-lo ? Reparo ás vezes no cuidado com que, em todas as linguas que conheço, esta palavra é construida ! Até as mais duras, como a de Pope, encontram o seu melhor som para exprimir este sentimento. Mas existe elle ? Existe como deve ser, despidido de toda a preocupação terrena, puro como o resumo que é de todos os outros amores ? Nos livros dos poetas, de certo ; na humanidade, não acredito.

« E como não acredito, lembrei-me de escrever algumas paginas onde me occupasse do contraste flagrante que ha entre o sentimento e as hypotheses do facto. Imaginei um Pylades, trez Orestes e uma Sapho. O que se póde fazer com estas cinco figuras ? Um romancinho, mais ou menos accidentado. O amor de Pylades e Sapho ; o amor de Sapho e dos Orestes ; a alternativa constante desta balança que se chama vida, cujas conchas se levantam e se abatem por singulares disposições do acaso e da creatura. Adubo a narração com a pintura do soffrimento de Pylades, e, se me parecer, acabo por fazel-o lorpa de corpo e alma, o que não será novo, mas será agradavel de ler, porque não faz chorar. Que me dizes ao pensamento ? Não dá para cem paginas de oitavo ? Penso que sim ; já tenho algumas folhas de papel escriptas ; não sei se acabarei ; talvez acabe ; e então posso collocar a minha obra sob a protecção de tua amisade, que a fará inserir no *Futuro*.

Talvez achem a historia muito velha ; responderei que ainda assim é bom repetir essas cousas ; e como eu tenho de encarar a historia por um ponto de vista pouco explorado, naturalmente lhe hão de achar novo sabor. Teu S. »

Fico implorando o deus dos poetas para que esta promessa se torne realidade. Em todo o caso, embora não venha a obra promettida, ganho eu com ella que me forneceu materia para encher as paginas da minha chronica.



# Ô FUTURO.

## PERIODICO LITTERARIO.

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL

**FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.**

COLLABORADO POR VARIOS ESCRIPTORES BRASILEIROS E PORTUGUEZES

**Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.**

Em todos os numeros (ou pelo menos em um de cada mez) se dará uma gravura.

Afiança-se a publicação por um anno, e não se recebem assignaturas por menos prazo.

---

### Condições da assignatura.

Para a Côrte 15\$000 — Para fóra da Côrte e Províncias 17\$000.

**Assigna-se no escriptorio da redacção**

**RUA DO OUVIDOR N. 46, 1.º ANDAR,**

**onde devem ser dirigidas todas as reclamações e toda a correspondencia relativa ao periodico.**

---

### São correspondentes.

Os Srs.

Catilina & Comp.	Bahia.
Cunha Irmãos & Comp.	Pernambuco.
Luiz Augusto de Oliveira . . . . .	Maranhão.
Joaquim Baptista Moreira . . . . .	Pará.
Silva & Costa . . . . .	Rio Grande do Sul.
Francisco Luiz Ribeiro	Pelotas.
Joaquim Alves Leite . . . . .	Porto-Alegre.
J. J. de S. Ayram Martins	Santos.
Felizardo Toscano de Brito	Parahyba do Norte.
José Gonçalves Guimarães. . . . .	Maceió.
A. L. Garraux . . . . .	S. Paulo.
Henrique Xavier de Novaes . . . . .	Vassouras.